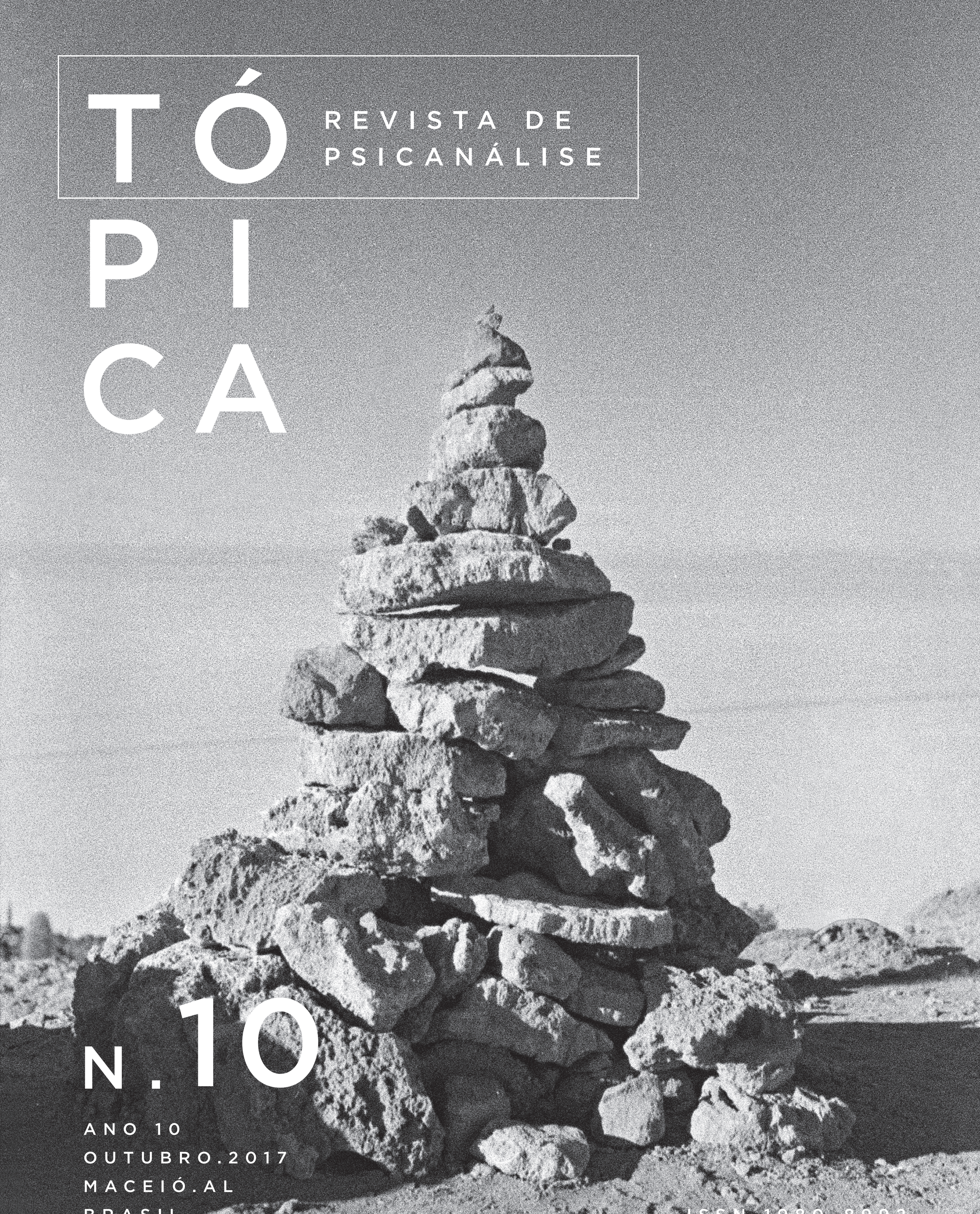
TÓPICA

REVISTA DE PSICANÁLISE



N.10

ANO 10
OUTUBRO.2017
MACEIÓ.AL
BRASIL

ISSN 1980-8992

TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA, LEMBRA, POIS, QUE A NOVA REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,

POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE
Nádima Carvalho Olimpio da Silva

VICE-PRESIDENTE
Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

TESOUREIRO
Elpídio Estanislau da Silva Jr.

SECRETÁRIA
Maria Edna de Melo Silva

COORDENADORA DA COMISSÃO DE FORMAÇÃO PSICANALÍTICA
Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COORDENADOR DA COMISSÃO CIENTÍFICA
Fernando Barbosa de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL
Fernando Barbosa de Almeida
Francisco José Passos Soares
Heliane de Almeida Lins Leitão
Socorro Tenório

PROJETO GRÁFICO/ DIAGRAMAÇÃO
Estúdio Grão

FOTO DE CAPA
Daniele Queiroz

GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo Psicanalítico de Alagoas (GPAL).
R. Dr. Ciridião Durval, 47 – Parque Gonçalves Lêdo, Farol
CEP: 57021-340 - Maceió-AL
82 3221.1404
www.gpal.com.br
gpalmaceio@hotmail.com

JUVENTUDES E O SENTIDO DA POLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO[1]

MARCOS RIBEIRO MESQUITA

Doutor em Psicologia Social. Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

RESUMO

Nos últimos anos, a relação dos jovens com a política conquistou visibilidade a partir da crítica aos modelos tradicionais de participação e da produção de novos espaços e canais de representação. Este trabalho discute esta relação e objetiva compreender como os jovens concebem a política e como a vivenciam no seu cotidiano. Para tanto, foram realizados grupos focais com jovens que participam de diferentes coletivos na cidade de Maceió. Observamos que a política não se esgotou como possibilidade de experiência para estes jovens e os diferentes sentidos atribuídos a ela são frutos dos distintos engajamentos e visões de mundo.

1 Trabalho apresentado na Sexta de Psicanálise do GPAL em junho de 2017.

Não é raro ver disseminada a ideia de que a juventude contemporânea é alienada, conformada com os desígnios da sociedade; a juventude do consumo exacerbado e das práticas tecnológicas. Pensá-la nesses termos é ignorar suas especificidades e pluralidade, para o que muitos autores veem como solução designar a categoria como "juventudes" e problematizá-la a partir dessa diversidade. Assim, o conceito de juventude que tomamos como referência não propicia definições estáticas; ao contrário, parte da ideia de que ela é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação; de um lado, o caráter universal determinado pela faixa etária, e do outro, as diferentes construções históricas e sociais relacionadas ao ciclo de vida influenciando esta mesma diversidade (Dayrell, 2005).

Na tentativa de compreender as formas pelas quais a política vem se constituindo, fazendo-se presente de distintas maneiras na vida de jovens inseridos em diferentes grupos e coletivos, este trabalho objetiva refletir sobre os sentidos da política por eles partilhados. Partindo da compreensão de que são muitas as formas dos jovens se relacionarem com a política e através dela, sentimos a necessidade de investigar, na realidade maceioense, como a relação entre juventude e participação vem se constituindo. Neste texto, como já sinalizado acima, compartilharemos os resultados de uma investigação que analisa como os jovens concebem a política e a vivenciam no seu cotidiano.

SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA

Para um maior esclarecimento a respeito dos aspectos metodológicos adotados na realização desta pesquisa, consideramos necessário explicitar as escolhas que fizemos. Para tanto, convidamos jovens que participam de movimentos e coletivos de cunho político, grupos religiosos, culturais e comunitários para falarem de suas experiências, das organizações de que fazem parte, do que entendem por política, das motivações e desafios na trajetória de participação.

Assim, realizamos três grupos focais, com jovens de 18 a 27 anos de distintos grupos e coletivos. Os jovens mais vinculados aos grupos que aqui denominamos de políticos, são jovens que estão inseridos no espaço universitário e que transitam em diferentes redes de movimentos sociais; são militantes estudantis, integrantes de diretórios e centros acadêmicos; membros de juventudes partidárias; e do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Os participantes do grupo que chamamos de *cultural* são jovens que estão inseridos em movimentos e grupos culturais da cidade e comprometidos com a luta pela melhoria das condições de vida nos bairros da periferia; são, em sua maioria, jovens que possuem um forte vínculo com grupos culturais de tradição afro-brasileira.

Os jovens que integraram o grupo que discutiu a participação política ligada à dimensão *religiosa* têm como orientação e referência a espiritualidade da Teologia da Libertação que explicita a indissociabilidade entre a fé e a política. São agentes de pastorais da igreja católica, militantes da Pastoral de Juventude (PJ), da Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP) e da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

É necessário lembrar que essa nomeação é feita com a finalidade de facilitar a divisão dos grupos, visto que o caráter político se encontra em todas as esferas citadas, sob expressões e modos de fazer diferentes entre si. Além disso, muitos destes jovens participam de mais de um movimento, o que Mische (1997) denomina de militância múltipla[2].

Os grupos foram gravados e posteriormente transcritos e analisados a partir de categorias destacadas no projeto inicial e outras que surgiram no processo da pesquisa. Segue, abaixo, alguns dos principais resultados obtidos enfocando, prioritariamente, os sentidos da política para estes jovens.

COMPREENSÕES DOS JOVENS A RESPEITO DA POLÍTICA: DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES

Podemos dizer que nos grupos trabalhados, apareceram quatro grandes sentidos da política, quais sejam: *a via institucional*, com suas instâncias e dinâmicas próprias; a política como *algo que os constitui*; a política como *meio de transformação da sociedade*; e a política como *cultura de resistência*.

A institucionalidade, como um desses sentidos,

2 A autora diz que no contexto brasileiro, uma característica da participação juvenil é o fenômeno da *militância múltipla*. É o caso de "jovens que são simultaneamente lideranças no movimento estudantil, nos partidos políticos, nos grupos da igreja, ou em outros movimentos e organizações" (Mische, 1997, p.145).

aparece como uma forma legítima e democrática de reivindicar direitos, de expressar uma não conformação com as injustiças e desigualdades. Dessa forma, prioritariamente para os jovens integrantes dos grupos políticos clássicos, a via institucional é um espaço privilegiado de atuação. É através da construção de uma luta que passa pelos canais instituídos da política que a luta se fortalece e a sociedade, aos poucos, se transforma.

Nesse sentido, para estes jovens, a participação se traduz necessariamente por uma inserção nos espaços formais da política, legitimados pelas dinâmicas dialógicas e de confronto entre Estado e sociedade civil. Passa também pelo reconhecimento dos canais institucionais como espaços de disputa – de ideias, projetos e modelos de sociedade – e de ampliação da democracia. Os conselhos, os fóruns e as conferências são lembrados como vias importantes neste processo de construção de uma cultura política mais coletiva e participativa, bem como, os partidos, sindicatos, associações e movimentos sociais, ainda que compreendam os limites destes espaços.

Apesar da importância que dão à via institucional, reconhecem os imensos desafios existentes no sentido de ressignificar essa dimensão da política, tão desgastada com imagens que a associam a práticas clientelistas, corruptas, de indiferença às desigualdades sociais e a um sentimento coletivo de não representatividade. De fato, a política associada aos espaços mais tradicionais da participação – e mais especificamente à imagem das instâncias partidárias com suas dinâmicas e mecanismos de controle e monopólio da representação institucional – parece estar desacreditada por uma significativa parte da população.

Florentino (2008) em sua análise sobre a participação de jovens no Distrito Federal faz uma crítica ao atual modelo de representatividade política e afirma que diferentemente daquilo que comumente se tem partilhado, a rejeição dos jovens à via institucional não significa necessariamente alienação, mas uma crítica a estes espaços e uma urgente afirmação da necessidade de outros canais, mais representativos, participativos e democráticos. Como nos diz, "as pessoas percebem que a política impacta suas vidas (de maneira negativa, até), mas não conseguem ver um sistema político que as deixe impactar a política" (Florentino, 2008, p. 230).

A desqualificação da política e dos políticos, no entanto, não pode ser compreendida de forma dissociada das percepções mais gerais que reinam nesse universo (Novaes & Vital, 2005); mais uma vez fica evidente

que na sociedade brasileira como um todo, e em outros países de regime democrático, "há uma clara percepção popular de que as instituições democráticas não conseguiram viabilizar os ideais prometidos, seja de uma menor desigualdade social, seja de acesso popular a instâncias governamentais de decisão" (Norris, 1999, *apud* Florentino, 2008, p. 231).

Apesar da descrença, percebe-se a necessidade de uma aproximação com as esferas institucionais. Os grupos culturais, por exemplo, reclamam de seus representantes o cumprimento de obrigações; cobram deles a garantia de direitos, uma vez que não podem substituir um papel que é do Estado, das políticas públicas. Nesse sentido, não há por estes jovens uma atitude de total negação dos espaços formais da política. Há sim, por um lado, um reconhecimento mediado pela necessidade de cobrança – do Estado e de suas instituições – por políticas favoráveis à melhoria das condições de vida, da cultura, só possível através da consciência de direitos; e a necessidade de aliança e interlocução em momentos específicos, por outro. Aproximam-se da via institucional quando necessário, inclusive dos partidos, mas num movimento de resguardo da autonomia; cultivam a crítica como meio de manterem-se atentos às cooptações.

Se a política compreendida por seu viés institucional demarca diferenças de posicionamentos entre os jovens pesquisados, a política como um elemento que os constitui, é um dos sentidos da política que aparece nos discursos de todos os jovens; a política, estaria presente em tudo o que se faz, desde o processo de construção das identidades até as decisões cotidianas, nos diálogos, nas negociações etc. Nas palavras de uma das participantes, integrante do MST, isso pode ser claramente percebido: *É a base de nossa vida, literalmente. Não dá pra dissociar*; e mais: *É o que me faz descobrir enquanto pessoa, o que me faz optar por caminhos, perceber outras realidades, perceber que eu tenho muito pra contribuir*.

Ampliando as representações recorrentes no senso comum sobre a política, muito vinculadas às imagens negativas, estes jovens realçam o sentido da política como elemento que os constituem. Nesse sentido, falar sobre a política é falar de suas vidas, suas histórias, das escolhas que fizeram, de um novo olhar sobre as relações familiares, afetivas, de gênero que foram transformadas a partir de uma perspectiva crítica que ela mesma possibilitou. Esses jovens não conseguem pautar suas vidas, distantes da dimensão da política, da participação, da compreensão da necessidade de lu-

tar por um mundo mais justo, transformando a fronteira entre público e privado. Como nos diz uma jovem da União da Juventude Socialista (UJS): *porque a gente sempre coloca que isso é uma escolha de vida, que a gente faz pra vida toda. (...) a gente é militante em casa, sonhando, dormindo, acordado, enfim, a gente é isso. É o estilo de vida que a gente escolheu pra ter.*

À compreensão da política como indissociável à vida das pessoas, do seu cotidiano, da forma como se subjetivam, surge um outro sentido compartilhado pelos jovens: a política como *possibilidade de transformação da sociedade*. É através da participação, das ações coletivas e de protesto, dos processos de luta e reivindicação, das escolhas de representantes, ou seja, do espaço da política, que podemos sonhar e construir mudanças sociais significativas. Assim nos diz uma integrante da Juventude do Partido dos Trabalhadores: *a política é que pode provocar transformações, seja em universos micro ou universos macro. E atuar politicamente é atuar buscando intervir nessa realidade ou nessa transformação.*

O sentido da política como possibilidade de transformação esteve presente no discursos de todos os jovens, as formas de se elaborar e buscar a realização desses objetivos é que seriam, no entanto, específicas a cada esfera de reivindicação: nos grupos políticos, através dos partidos, do movimento estudantil, dentre outros; nos grupos culturais, através de atos pela valorização da cultura, pela melhoria das condições sociais nas comunidades em que estão inseridos; nos grupos religiosos, vemos a importância do diálogo, da conscientização, ou de se elaborar projetos com fins sociais ligados ao que se acredita enquanto, também, evangelizadores.

Mas a transformação possibilitada pela participação e pelo campo da política, não se coloca apenas no espaço das mudanças sociais. Ela transversaliza os universos micro e macro, como diz um dos jovens. No macro, através das mudanças sociais realizadas por meio de reivindicações e lutas coletivas; no micro, através das modificações que se colocam nos âmbitos da subjetividade, do cotidiano, das relações. Por meio da inserção em grupos e movimentos, os jovens entram em contato com inúmeros debates, manifestações, disputas de ideias, com uma pluralidade de opiniões e diferenças de posicionamentos que os fazem pensar a forma como compreendem o mundo, como se relacionam com ele. Assim, se recolocam diante da vida e das relações que estabelecem no cotidiano a partir dos aprendi-

zados. É o caso de uma jovem da PJMP que ao se reconhecer nos valores e práticas do movimento, questiona a estrutura familiar e a divisão de gênero ali estabelecida, por exemplo.

Por fim, os jovens de grupos culturais trazem para a compreensão da política a noção de *cultura como resistência*. A cultura aparece como forma de resistir ao instituído, resistir através de novas expressões e formas políticas. Souza (2008) percebe essas expressões como novos espaços de experiência social, que vêm adquirindo contornos mais nítidos nos últimos anos, onde "os jovens estão gestando novos modos de organização da vida cotidiana de negação institucional, novas formas sociais contra-institucionais de enfrentamento contra a ordem" (p. 121).

Aparece também como forma de resistir ao cenário da cidade marcado pelas desigualdades raciais, de classe social e de gênero. Através da cultura, os jovens falam de suas comunidades, de suas vidas. Não tomam suas intervenções a partir apenas do fazer ligado às expressões artísticas, mas como uma forma de atuação que possibilita o reconhecimento da realidade e de si próprio como fazendo parte de determinada cultura. Os trabalhos realizados *fazem com que as pessoas se localizem no meio em que vivem* (Jovem integrante do Coletivo Afro-Caeté), e, a partir daí, fazem atuar como agentes disseminadores na luta pelos direitos e pela valorização da própria cultura e da comunidade como um todo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em relação à pesquisa realizada, vimos que os sentidos da política por parte dos jovens revela muito daquilo em que eles próprios acreditam, suas visões de mundo e seus distintos engajamentos, seja nos movimentos estudantis, partidos políticos, movimentos culturais e comunitários ou nos grupos religiosos. A trajetória pessoal parece dizer muito a respeito da participação efetiva desses jovens diante da sociedade, já que enquanto se mobilizam, enquanto participam dos grupos e coletivos, constroem também a si próprios, num movimento em que se torna impossível separar a militância daquilo que se toma como base da própria vida. Uns seguem os moldes tradicionais de reivindicação, e não menos legítimos, outros, no entanto, seguem por uma via ligada aos projetos sociais e comunitários, muitos deles associados aos trabalhos culturais, e outros tantos aos grupos religiosos.

Também consideramos importante realçar o fato de que os jovens de nossa pesquisa parecem afirmar, a cada momento, que o campo da política não se esgotou como possi-

bilidade de experiência. Na medida em que se colocam como sujeitos preocupados com a coletividade; em que traduzem em seus sentidos sobre a política, valores como a solidariedade, transformação social; em que criticam o instituído e não se deixam cooptar por tudo aquilo que em nome da política não condiz com o que acreditam; e na medida em que reproduzem, mesclam e constroem diferentes estratégias e modelos de participação, adaptando às novas demandas e contextos sociais, esses jovens afirmam a política como uma experiência central, coletiva e individual, e nesse sentido, tão importante de ser dividida, compartilhada.

REFERÊNCIAS

Dayrell, Juarez (2005). *A música entra em cena:* o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Florentino, Renata (2008). Democracia Liberal: uma novidade já desbotada entre jovens. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 14, n. 1, pp. 205-235.

Mische, Ann (1997). De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5, pp. 134-150.

Novaes, Regina & Vital, Christina (2005). A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In: Thompson, Andrés (Org.), *Associando-se à juventude para construir o futuro* (pp. 107-148). São Paulo: Editora Peirópolis.

Souza, Janice Tirelli P. de (2008). Os jovens contemporâneos e a política contra o instituído. In: Groppo, Luís Antônio; Filho, Michel Zaidan; Machado, Otávio L. *Movimentos juvenis na contemporaneidade* (pp. 117-156). Recife: Editora Universitária UFPE.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, outubro de 2017
Publicado originalmente em outubro de 2017 em www.gpal.com.br

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS